

Fabiano Eloy Atilio Batista
(Organizador)

COMUNICAÇÃO E CULTURA:

processos
contemporâneos

Atena
Editora
Ano 2021

Fabiano Eloy Atilio Batista
(Organizador)

COMUNICAÇÃO E CULTURA:

processos
contemporâneos

Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Comunicação e cultura: processos contemporâneos

Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Amanda Costa da Kelly Veiga
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizador: Fabiano Eloy Atílio Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C741 Comunicação e cultura: processos contemporâneos /
Organizador Fabiano Eloy Atílio Batista. – Ponta Grossa
- PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-539-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.393212709>

1. Comunicação. 2. Cultura. I. Batista, Fabiano Eloy
Atílio (Organizador). II. Título.

CDD 302.2

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de e-commerce, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Estimados leitores e leitoras;

Sendo considerada uma característica intrínseca do homem, comunicar – em suas diversas formas – é considerado um valor que partilhamos em comum; e como apregoava *Aristóteles* é o que nos transforma em “seres políticos”.

Embora os termos Comunicação e Cultura, a princípio, pareçam sólidos e indiscutíveis, não é o que de fato ocorre. As questões que dizem respeito a essas duas categorias, variáveis historicamente e socialmente, se configuram num complexo emaranhado de questões que merecem ser cotidianamente perscrutadas.

Nesse sentido, a coletânea **Comunicação e Cultura: processos contemporâneos** busca, de forma crítica e com alto rigor metodológico e científico, ao longo de 6 (seis) capítulos tencionar discussões que abordam os processos comunicacionais e suas mediações e interações em sociedade.

Nesse sentido, os dois primeiros capítulos que abrem as discussões, intitulados ‘*Narrativa Transmídia e Metaverso*’ e ‘*Narrativas da diferença na publicidade audiovisual brasileira*’, buscam explorar as questões em torno das Narrativas, empreendendo os elementos constitutivos das veiculações midiáticas, imagéticas e sonoras, por exemplo, e nos oportunizando uma percepção e compreensão do fenômeno de forma holística.

Em seguida, os capítulos intitulados ‘*Chega pro lado, deus, estou tuitando a verdade – uma análise retórica dos tweets de trump*’ e ‘*Curadorias artísticas virtuais: o Instagram como lócus da arte*’, que compõe, respectivamente nosso terceiro e quarto capítulo, busca trazer reflexões sobre os ambientes das redes sociais, sobretudo Instagram e Twitter, e como estes espaços mediam nossas interações na contemporaneidade, sobretudo em tempos de pandemia onde houve uma ampliação do uso desses meios.

Encerrando nossa coletânea, de maneira brilhante, temos o quinto e sexto capítulo, intitulados ‘*Transumanismo vida eterna, humanidade potencializada ou euforia pronta para mercantilização*’ e ‘*Gays de direita e a nova onda conservadora*’, que buscam traçar considerações sobre as relações entre a mídia e as produções de sentido na/para a sociedade.

Ademais, a coletânea **Comunicação e Cultura: processos contemporâneos** apresenta apontamentos atuais sobre as múltiplas relações entre os meios de Comunicação e a Cultura, construindo novos olhares para que possamos ampliar nossa visão de mundo e sobre os sujeitos, impactando, significativamente, nos nossos modos de pensar e agir, e nos modos de ser/estar socialmente.

Por fim, a coletânea torna-se fundamental para construção de debates e reflexões, em diálogos com diferentes dispositivos da comunicação, para podermos pensar o(s) lugar(es) das mídias na cultura contemporaneamente.

A todos e todas, esperamos que gostem e que tenham uma agradável leitura!

Fabiano Eloy Atilio Batista

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
NARRATIVA TRANSMÍDIA E METAVERSO ESTRATÉGIAS MULTIPLATAFORMAS EM “ESPECTROS – UM DRAMA FAMILIAR”, DE HENRIK IBSEN	
Thiago Berzoini	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3932127091	
CAPÍTULO 2	17
NARRATIVAS DA DIFERENÇA NA PUBLICIDADE AUDIOVISUAL BRASILEIRA	
Vanessa Cardozo Brandão	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3932127092	
CAPÍTULO 3	29
CHEGA PRO LADO, DEUS, ESTOU TUITANDO A VERDADE – UMA ANÁLISE RETÓRICA DOS TWEETS DE TRUMP	
Jair Rattner	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3932127093	
CAPÍTULO 4	39
CURADORIAS ARTÍSTICAS VIRTUAIS: O INSTAGRAM COMO <i>LOCUS</i> DA ARTE	
Marcos Rizolli Regina Lara Silveira Mello	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3932127094	
CAPÍTULO 5	50
TRANSMANISMO VIDA ETERNA, HUMANIDADE POTENCIALIZADA OU EUFORIA PRONTA PARA MERCANTILIZAÇÃO	
Leonardo de Souza Moura	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3932127095	
CAPÍTULO 6	64
GAYS DE DIREITA E A NOVA ONDA CONSERVADORA: A NEGAÇÃO DE SI MESMO E A CONTRADIÇÃO DO CONSERVADORISMO NOS COSTUMES POR PARTE DE MEMBROS DA COMUNIDADE LGBT+	
Alexandre Lauriano Copelli	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3932127096	
SOBRE O ORGANIZADOR	78
ÍNDICE REMISSIVO	79

CAPÍTULO 5

TRANSMANISMO VIDA ETERNA, HUMANIDADE POTENCIALIZADA OU EUFORIA PRONTA PARA MERCANTILIZAÇÃO

Data de aceite: 21/09/2021

Leonardo de Souza Moura

Mestre em Comunicação pela Faculdade
Cáspér Líbero, São Paulo, SP.
<http://lattes.cnpq.br/9803524028139020>

RESUMO: Este artigo reflete sobre a relação dos seres humanos com a inteligência artificial a partir da personagem transumana Bethany Bisme-Lyons, da série de ficção futuroológica *Years and Years* (BBC, 2019). O intuito é fornecer informações para um debate que possa localizar se estamos, hoje, enquanto sociedade, mais próximos de experiências que podem potencializar nossas humanidades - entre elas, uma vida eterna - ou se estaríamos mais suscetíveis a ter meramente padrões de nosso comportamento assimilados pelo algoritmo, transformados em avatares que simulam nossa existência e escoados em produtos que perpetuam poder econômico. O aporte teórico principal serão os conceitos de mente, cognição e consciência do neurocientista Andrew Smart (2016) e os conceitos de pulsão e aparelho psíquico em Psicanálise. Complementaremos este aporte com os conceitos de programa e automação do filósofo Vilém Flusser (2017); os conceitos de trabalho e patriarcado no Manifesto Ciborgue, da bióloga e filósofa Donna Haraway (1986); a crítica à celebração tecnológica, entendida pelo filósofo Éric Sadin (2018) como estratégia de aculturação e ganho de mercado;

e a crítica à mercantilização da rede e de seus actantes, dos pesquisadores em mídia José van Dijck, Thomas Poell e Martijn de Waal (2018).

PALAVRAS - CHAVE: Pós-humanismo, transumanismo, economia da informação, inteligência artificial, cognição.

TRANSHUMANISM ETERNAL LIFE, ENHANCED HUMANITY OR EUPHORIA READY FOR COMMERCIALIZATION

ABSTRACT: This article reflects on the relationship between human beings and artificial intelligence based on the transhuman character Bethany Bisme-Lyons, from the futuristic fiction series *Years and Years* (BBC, 2019). The aim is to provide information for a debate that can locate if we are, today, as a society, closer to experiences that can enhance our humanities - among them, an eternal life - or if we would be more susceptible to having merely patterns of our behavior assimilated by algorithm, transformed into avatars that simulate our existence and disposed of in products that perpetuate economic power. The main theoretical contribution are the concepts of mind, cognition and consciousness of the neuroscientist Andrew Smart (2016) and the concepts of drive and psychic apparatus in Psychoanalysis. We complement that contribution with the concepts of program and automation by the philosopher Vilém Flusser (2017); the concepts of work and patriarchy in the *Cyborg Manifesto*, by biologist and philosopher Donna Haraway (1986); the criticism of technological celebration, understood by the philosopher Éric Sadin (2018) as a strategy of acculturation and

market gain; and the criticism of the commercialization of the network and its actors, by media researchers José van Dijck, Thomas Poell and Martijn de Waal (2018).

KEYWORDS: Post-humanism, transhumanism, information economics, artificial intelligence, cognition.

INTRODUÇÃO

No final da série de TV *Years and Years* (BBC, 2019), a personagem Bethany Bismelyons consolida a realização de um sonho: transforma-se em uma pessoa transumana. Isso significa que ela pôde acoplar em seu corpo elementos que fazem referência à vida de ciborgue, consolidando eletrônica, informática e redes sem fio para ampliar, por exemplo, suas capacidades de visão e cognição e, paralelamente, fazer transferência de aprendizados pessoais para a internet. Além disso, Bethany tornou-se a única pessoa da família a poder interagir, no episódio final da série, com a consciência da personagem Edith Lyons, sua tia. Edith teve suas características cognitivas e comportamentais transferidas para uma máquina que, após a sua morte, foi capaz de emular sua existência - possivelmente - eterna. Apesar do horror expresso pelos pais de Bethany quando a personagem declara, no início da série, que gostaria de ser transumana, a família parece, no decorrer da história, naturalizar a escolha da jovem - uma naturalização não muito diferente da que experienciamos na vida real com os atuais algoritmos de mecanismos de buscas, redes sociais, plataformas de entretenimento ou na interação com assistentes de voz. *Years and Years*, ao ensaiar um futuro tido como provável em nosso tempo, narra o que pode acontecer no mundo real a partir de nossa interação com as máquinas. Mas será que o material que foi transferido da consciência e do comportamento das personagens Edith e Bethany e, um dia, de nós mesmos é o que nos faz humanos? Há uma transferência de nossa humanidade, de fato, ou apenas uma cópia do que a máquina pôde assimilar de nossa cognição? E este aprendizado das máquinas a partir de nossa relação com os algoritmos amplia nossas potencialidades e interações com outros indivíduos ou nos torna redundantes à parte do funcionamento que os algoritmos conseguiram apreender de nossa vida?

A proposta deste artigo é, a partir do entusiasmo da personagem Bethany, refletir se a transferência de cognição à inteligência artificial, percebida atualmente em nossa cultura como importante para melhorar a interação das máquinas com nós mesmos, resguarda aquilo que nos faz humanos e pode garantir a nossa imortalidade a partir da apreensão da nossa cognição. O intuito é compreender que, na celebração à inteligência artificial e ao ciborgue, respondemos a um desejo de imortalidade cujo produto hoje mais próximo de ser viável é a mercantilização de avatares que simulam nossos comportamentos pelas corporações que controlam a internet, e não exatamente o sonhado propagar de nossa vida.

O SONHO DA IMORTALIDADE PELAS VIAS DA TECNOLOGIA

No sexto e último capítulo da série *Years and Years*, série produzida pela BBC e distribuída mundialmente pela HBO, a personagem Bethany, em uma espécie nuvem de inteligência artificial que conseguiu ativar a partir das ferramentas de expansão da sua cognição que acoplou em seu corpo, entra em diálogo com sua falecida tia Edith. Por ser literalmente uma ativista social e ecológica, Edith circulou por partes do mundo contaminadas por lixo radioativo no intuito de denunciar o descaso de governos, como o dos Estados Unidos e o da China, explicitando, por exemplo, onde eles estavam descartando seus resíduos tóxicos. Edith filmava as regiões, registrava o abuso e, com isso, na narrativa, conseguiu ser convidada para alguns programas de entrevistas e reportagens que expuseram sua denúncia alarmista. O preço pago pela iniciativa da ativista foi ter adquirido altos índices de radiação em seu corpo. Entretanto, isso não a abalava. Sua vida ganhava sentido por poder denunciar o que estava acontecendo, mesmo que isso acarretasse sua morte prematura. Com os sinais das doenças provocadas pela radiação avançando na personagem durante a série, a ativista pedia à família que não se preocupasse ou sofresse por ela, pois estava satisfeita com as escolhas que havia feito. Na cena da despedida da família a Edith, no momento de sua morte, sua sobrinha Bethany conversava com a consciência da tia que havia sido transferida para uma máquina por vias daquilo que a inteligência artificial conseguiu apreender durante o convívio. Esta apreensão configurou um avatar do que poderia ser Edith pelos padrões que a máquina assimilou de sua vida, de sua personalidade e, quem sabe, inclusive, de seus lapsos. Instrumentos como o celular e o *home assistant* (assistente que conecta aparelhos domésticos com internet a partir da interação com seres humanos) que promovia a conexão de Edith e toda a sua família foram utilizados durante diversos momentos da narrativa, o que demonstrava que os Lyons estavam conectados pela internet das coisas e, com isso, tinham seus comportamentos mapeados, apreendidos e também aprimorados pelos algoritmos da inteligência artificial - nada muito diferente do que vivenciamos como sociedade em vida real a partir da utilização das redes sociais, mecanismos de busca, sites de comércio eletrônico e, sobretudo, pela nossa relação com as plataformas de infraestrutura que centralizam estes produtos digitais que mapeiam e processam nossos hábitos - “uma plataforma é alimentada por dados, automatizada e organizada por meio de algoritmos e interfaces, formalizada por relações de propriedade direcionada por modelos de negócios e governada por acordos de usuários (van Dijck; Poell; de Waal, 2018, p.9, a tradução é nossa)¹.

1 Na obra *The Platform Society. Public values in a connective world*, os autores propõem classificar as plataformas como “infraestruturais e setoriais. As mais influentes são as plataformas infraestruturais, muitas delas pertencentes e operadas pelas Big Five [Alphabet, Amazon, Apple, Facebook e Microsoft]; eles formam o coração do ecossistema sobre o qual muitas outras plataformas e aplicativos podem ser construídos. Eles também servem como gatekeepers online por meio dos quais os fluxos de dados são gerenciados, processados, armazenados e canalizados. Serviços de infraestrutura incluem mecanismos de busca e navegadores, servidores de dados e computação em nuvem, e-mail e mensagens instantâneas, redes sociais, redes de publicidade, lojas de aplicativos, sistemas de pagamento, serviços de identificação, análise de dados, hospedagem de vídeo, serviços geoespaciais e de navegação e um número crescente

Na capítulo final da série, numa cerimônia semelhante a um velório, o restante da família assistia à interação de Bethany com aquilo que não questionaram, mas pareciam endossar que, de fato, representaria o que restava de vida da tia Edith. Interagiam com este avatar da personagem sem indagar até que ponto ele era uma representação ou uma extensão do que Edith fora em vida. Teria de haver alguma forma de perguntar a este ser transferido para a máquina se ele se reconhecia como a pessoa que fora em carne e osso. Entretanto, a série não questionava este ponto. Parecia naturalizá-lo. Vencer a morte ou não aceitar limites da carne sempre foram um paradigma do homem que, nesta ficção, se viabilizaram. Segundo o filósofo Vilém Flusser, fazer uso da comunicação humana é um “artifício cuja intenção é nos fazer esquecer a brutal falta de sentido de uma vida condenada à morte” (2017, p. 87). O uso que fazemos de nosso corpo biológico e o que a ele acoplamos para potencializá-lo são um exercício da atividade inerente ao ser humano. E o uso que se faz desta atividade para domar o ambiente é próprio de nossa natureza. Flusser classifica estas manifestações pós-modernas de atividade como “automação” e “programa”.

Destarte, os conceitos de “automação” e “programa” passaram a ocupar o centro do interesse da humanidade pós-moderna. “Automação” significa rápida computação de coincidências, junção cega e inerte de átomos (e outros elementos) ao sabor do acaso. E “programa” significa para a automação no instante preciso no qual a coincidência desejada se forma. O aparelho automático rola automaticamente ao sabor do acaso, e para segundo o programa quando tiver alcançado a meta desejada (FLUSSER, 2008, p. 76).

Não conseguimos, enquanto humanidade, determinar qual seria o limite deste modo de funcionamento. Exercemos uma atividade que se retro-alimenta de atividade. E, agora, a potencializamos de forma automatizada: tornamo-nos escravos daquilo que em nós mesmos foi assimilado pelo algoritmo. E que, hoje, está atrelado a serviço de empresas que propagam que a amenização dos sofrimentos humanos ou o aumento de nossas potencialidades podem se dar pela tecnologia das plataformas, entre elas, as redes sociais.

PULSÃO, ATIVIDADE E MERCADO

Em linha com os conceitos de programa e automação de Flusser, o mercado pode ser classificado como uma instituição que assegura na cultura os elementos da pulsão de dominação e controle do ser humano. Na definição psicanalítica, uma pulsão é um “processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz tender o organismo para um alvo” (Laplanche; Pontalis, 1986, p.506). Freud, pai da Psicanálise, não chegou a precisar o conceito de pulsão de dominação (*Bemächtigungstrieb*) em sua teoria, porém outro psicanalista, Ives Hendrick, o fez. Na

de outros serviços. Um segundo tipo são as plataformas setoriais, que atendem a um determinado setor ou nicho, como notícias, transporte, alimentação, educação, saúde, finanças ou hospitalidade.” (van Dijk; Poell; de Waal, 2018, p.13, a tradução é nossa).

tese de Hendrik, “existe um *instinct to master* (grifo do autor), necessidade de dominar o meio circunvizinho (...). Esta pulsão é originariamente assexual; pode ser libidinizada secundariamente, na sua aliança com o sadismo” (Hendrick apud Laplanche; Pontalis, 1986, p.515).

Se formos analisar nosso entorno a partir da natureza e as funcionalidades civilizatórias, é notório que tivemos ganhos a partir da pulsão de domínio, indo além da comunicação elucidada por Flusser, que se traduziu em linguagem e colaboração. Estabelecemos objetivos comuns enquanto seres humanos; superamos a fome, com exceção de países em que, por questões políticas, não conseguem transferir renda e garantir comida e terra a toda a população; combatemos pragas e outras doenças pela ação de remédios, vacinas e antibióticos; e amadurecemos o entendimento da luta armada como uma atitude excepcional para a resolução de conflitos - os conflitos armados no mundo em 2016, por exemplo, mataram menos que suicídio². Todos os produtos da atividade humana estão também associados a alguns dos maiores desastres e desafios que enfrentamos enquanto humanidade. Hoje, há um colapso ecológico que é o saldo de um pensamento não responsável pela cadeia completa do ciclo de vida de qualquer produto a ser comercializado. A tecnologia, que auxilia no mapeamento e nas soluções que podem ser trazidas para resolver o colapso ecológico, está mais aplicada à disrupção de nossa economia, de nossa filosofia e de nossa biologia. Os algoritmos que expressam esta disrupção tecnológica são o suprassumo desta atividade pulsional humana.

Na visão da personagem Bethany e de sua família, a interação com a cognição apreendida da tia Edith é a interação com o que pôde ser assimilado pelas máquinas que com ela interagem. Na série, a máquina principal, que tem protagonismo por conectar a família, é o assistente de voz “Signor”. Interpretado pela voz do ator britânico Glen McCready, Signor está presente como ponto de conexão nos momentos não só triviais como também afetivos da família Lyons. O conteúdo das interações da família era assimilado em uma plataforma que permitia mediar e entender os modelos, padrões de conexão e preferências do grupo. Signor é uma versão fictícia de aparelhos vendidos por empresas como Amazon e Google e de seus assistentes virtuais, como a Alexa, conectados a estes *home assistants*. A interação destes agentes eletrônicos com agentes humanos transfere inteligência a robôs que simulam outros agentes humanos - inclusive podem, no futuro, simular a nós mesmos. A publicidade da experiência com estes produtos propaga uma expansão das potencialidades humanas pela máquina, além de proporcionar conforto e praticidade. É o que podíamos ver em 2019 na comunicação do Amazon Echo no Brasil, por exemplo, cujo comercial criado pela agência de publicidade WMcCann mostra pai e filha interagindo ao som da música Tempos Modernos, do compositor Lulu Santos, do toca-discos ao *home*

² De acordo com a <https://save.org>, mais de 800 mil pessoas se suicidam anualmente. Os conflitos armados mataram, em 2016, cerca de 87 mil pessoas de acordo com a <https://ourworldindata.org>. Pela mesma organização, em 2017, terrorismo foi responsável por 0,05% das mortes mundiais.

assistant Amazon Echo, com o auxílio da assistente virtual Alexa, também da Amazon. No Reino Unido, outro filme publicitário, lançado em setembro de 2019, mostrava o mesmo dispositivo (Amazon Echo) e a mesma assistente virtual (Alexa) auxiliando uma mulher cega na sua rotina matinal, checando a previsão do tempo e as horas. Esta promessa de ampliação de nossos potenciais parte do aumento das conexões humanas que existem com os algoritmos e aprofundam o conhecimento das esferas mais íntimas de cada um de nós enquanto sujeitos. Pelo foco do mercado em expandir a experiência de seres humanos com os algoritmos mediados pelas máquinas, essa ampliação potencial pode ir além dos limites que hoje conhecemos, atravessando as interações banais e apresentando um modo de viver que pode caminhar para a fetichização do modelo ciborgue-humano, como no caso de Bethany Bisme-Lyons em *Years and Years*. Se o fetiche irá se concretizar, ainda se trata de especulação, mas a realidade atual é que esta interação já transfere conhecimento ao algoritmo e conclui sua meta de apreensão da cognição humana ao reproduzir tudo o que foi assimilado na interação com a máquina. Isso já se exemplifica em nossas vidas com nossos aplicativos de mobilidade urbana nos surpreendendo ao sugerirem para onde devemos ir pelos nossos hábitos em determinados dias da semana a partir de nossa localização. Ou pelo assistente virtual no celular ao recomendar o envio de mensagens a certas pessoas em horários específicos.

Na série, Edith morreu e sua alma segue copiada no ciberespaço, conceito que “especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (Lévy, 1999, p. 17). O registro foi feito. Resta-nos refletir, a partir do próximo tópico, se o que está apreendido pela máquina na forma de Edith poderia ser definido como a apreensão de sua humanidade.

CODIFICAÇÃO E HUMANIDADE

O transumanismo de Bethany à luz do neurocientista Andrew Smart pode ser interpretado com ceticismo em relação à interação eufórica da personagem com o avatar de sua recém-falecida tia. Em seu livro *Beyond Zero and One* (Além de Zero e Um, 2016, a tradução é nossa), Smart aponta que é conveniente para uma plataforma, como, por exemplo, o Google, fundamentar que criar inteligência na forma digital é resolver equações computacionais cada vez mais complexas e de forma cada vez mais rápida (pos 241). O problema fundamental que o neurocientista apresenta nesta obra é que imaginar que tudo pode ser matematizado e reproduzido computacionalmente evidencia uma incompreensão da consciência humana, elucidando, neste ponto, que sua visão sobre o que está na máquina não considera que ela possa ser humana.

Há neurocientistas, como a do americano Michael Shadlen, da Universidade de Columbia (Nova York, Estados Unidos), e matemáticos, como o inglês Alan Turing (1912-

1954), assumem que a consciência humana é baseada em informação e computação algorítmica e, por isso, pode ser matematizada.

Acredito que os princípios do funcionamento cerebral, subjacentes a formas simples de raciocínio e tomada de decisão, também sejam os blocos de construção da cognição humana. Os circuitos cerebrais suportam a integração de evidências de diversas fontes (por exemplo, sentidos e memória), atribuem mais ou menos peso a pistas que diferem em sua confiabilidade, calculam custos e benefícios esperados associados a resultados esperados, processam o tempo decorrido para cumprir um prazo ou para avaliar o custo temporal e implementar regras (como decidir sobre o que decidir) e políticas (equilibrar precisão e velocidade) (SHADLEN, 2020, a tradução é nossa).

Turing também acreditava que a cognição humana, quando entendida como algo lógico, seguia um padrão que poderia ser decodificado e transferido para uma máquina: “podemos esperar que as máquinas acabem competindo com os homens em todos os campos puramente intelectuais” (1950, a tradução é nossa). Quando se refere especificamente à consciência, Andrew Smart também parte desta assunção, pois é a parte lógica de nosso cérebro. Smart é da ciência positivista, como qualquer neurocientista, mas definiu-se como “um filósofo de coração” (2016, pos 191). E tem como busca pessoal aquilo que, na sua visão, pode ser classificado como infalivelmente humano. Para ele, é fundamental separar consciência de inteligência. Criticamente, o autor argumenta que boa parte da ciência cognitiva apresenta consciência e inteligência como se fossem coisas muito semelhantes. Mas é evidente, em sua visão, que consciência é uma alucinação, já que a maior parte da atividade de nosso cérebro permanece inconsciente. E Smart propõe comprovar sua tese a partir da alucinação por LSD, a dietilamida do ácido lisérgico, um dos maiores alucinógenos conhecidos pelo homem.

Nós só temos conhecimento das criações que o nosso cérebro faz do mundo para nós mesmos. Em outras palavras, o que vemos, ouvimos e subsequentemente pensamos são como filmes que nosso cérebro reproduz após um fato em si. Estes filmes são baseados em percepções que vêm aos nossos sentidos do mundo exterior, mas elas ainda assim são ficções criadas pelo nosso cérebro. Na verdade, poderíamos inserir o disclaimer “baseado numa história real” em todas as experiências que vivenciamos (SMART, 2016, pos 267, a tradução é nossa).

O que Smart salienta é que seria, por exemplo, impossível que todas as pessoas reagissem da mesma forma diante de dados que são apreendidos pelos sentidos do mundo externo e real. Nossas sensações consideram aquilo que nossos sentidos apreendem cognitivamente, é claro, mas a tradução que fazemos internamente depende do aporte que nosso aparelho psíquico dá para o fato. Tal aporte permite retomar como estrutura o aparelho psíquico a partir da teoria psicanalítica. A contribuição do neurocientista para a Psicanálise e da Psicanálise para a teoria de Smart é mútua. A Psicanálise entende a estruturação do aparelho psíquico, do qual a consciência é uma parte, pelas experiências corpóreas marcadas sobretudo na primeira infância (0 aos 6 anos). O neurocientista

também entende a consciência como setor parcial de nossa mente e traz a provocação do LSD como componente comprovatório da sua tese, o que permitiria entender que nossa consciência não funciona objetivamente como uma calculadora complexa diante de fatos: há muita articulação com o corpo e com a linguagem inconsciente para determinar as percepções e reações aos fatos do mundo.

De acordo com o Vocabulário de Psicanálise (Laplanche; Pontalis, 1986), o aparelho psíquico ou mental tem a função de “manter ao nível mais baixo possível a energia interna de um organismo” (p.65). Objetivamente, a estrutura psíquica do sujeito parte do corpo, ou do que Freud chama de id, um “reservatório primitivo de energia psíquica” (Ibid, p.285). Nossa mente tende a resguardar o equilíbrio deste elemento regulando os investimentos que fará no mundo. O id contém a forma não-constituída de linguagem que compõe a parte neuronal de todos nós como seres humanos. É do id que se forma o ego, pela convivência e pelas experiências que o sujeito teve na sua relação com a mãe enquanto bebê, e em seus desdobramentos na relação familiar até o final da primeira infância (em torno dos 6 anos de idade). Sua caixa neuronal reagiu aos estímulos externos e, de certa forma, alucinou ao sentir-se em segurança ou em perigo pela forma com que experienciou a vivência com este outro ser que lhe proporcionou a maternidade. Por maternidade, entendemos não só a concepção do indivíduo desejado ainda no ventre materno como, também, protegido, celebrado, alimentado e educado quando chega ao mundo. As experiências que o bebê tem na sua relação com a mãe vão constituir os primeiros sinais de que suas demandas serão ou não atendidas. É a partir desta experiência que, em seu corpo e, posteriormente, em sua mente, o neném começa a alucinar seus desejos e seus primeiros estágios de consciência. Donald Winnicott, reconhecido autor e profissional da Escola Inglesa de Psicanálise, já apontava que o bebê alucina o seio materno, sendo a amamentação no colo da mãe sua experiência de maior completude, buscando resgatar aquilo que foi perdido quando veio ao mundo: o paraíso sem tensões do ventre materno (1952). Ao alucinar, o bebê pode desejar algo, e convoca pelo choro a mãe para satisfazer este desejo até o momento em que não exatamente será atendido conforme alucinou.

A complexidade com que a criança se estrutura para a decodificação de um mundo previamente codificado, no qual precisará inserir-se para ir atrás de seus desejos, amparada pelas vivências já registradas em sua psique, formam o que a Psicanálise classifica, primariamente, como estruturas neurótica, psicótica ou perversa. Em resumo, o neurótico entende que algo lhe falta, mas concorda em abrir mão do desejo original (a posse da mãe) para inscrever-se na cultura e codificar necessidades de seu aparelho psíquico em forma de linguagem; o psicótico, incapaz de lidar com a falta, recorre a um estágio de falsa completude, mostrando-se deslocado do pacto civilizatório; e o perverso cria suas próprias lei e visão do mundo como uma forma de negar as proibições ou castrações aceitas pelo neurótico, numa ilusão de atravessar de maneira incólume o temor à castração que Freud expõe nos Três Ensaio sobre a Sexualidade, no qual disseca o Complexo de

Édipo³. Ressalto que a teoria psicanalítica não reduz seres humanos a três categorias tão simplificada, pois o campo lida com as relações das três estruturas em cada sujeito e seus desdobramentos na cultura e na clínica. Mas o ponto é o fato de que, em Psicanálise, formar linguagem é negociar uma participação na cultura para atender necessidades originárias no corpo e configuradas plasticamente em nossa mente de formas diferentes para serem atendidas. A consciência é, assim, um estágio possibilitado por uma relação de alteridade com este outro que nos permite alucinar sobre nós mesmos (entendendo que somos um ser individual), sobre o outro (que é entendido como fora de nós) e sobre necessidades que podem ser transformadas em desejos.

O psicanalista francês Jacques Lacan chama esta fase inicial da criança de uma travessia narcísica do estágio do espelho, uma referência de como nos veem e como nos vemos. É uma relação permitida apenas pela alteridade, ou seja, em função de um outro que marca esta diferença, representado sobretudo pela figura materna. Na fase inicial do estágio do espelho, a criança vivencia a experiência de ser o centro do mundo, ou o centro familiar, o que a faz sentir-se o “eu ideal”. Ao ver-se refletida nos olhos de seus cuidadores, ela responde, na sua constituição enquanto sujeito, de forma a buscar seu desejo alucinado a partir do ponto em que o objeto original (mãe) lhe é negado. Para Lacan, neste momento, o sujeito adentra a fase do “ideal do eu”, ou seja, aquilo que pode sonhar para si mesmo e negociar na cultura: “essa relação erótica em que o indivíduo humano se fixa numa imagem que o aliena em si mesmo, aí está a energia e aí está a forma de onde se origina a organização que ele chamará de seu *eu*” (Lacan apud Nasio, 1997, p.70). A consciência se torna a chave para as suas realizações desde então. Coincidentemente, e conseqüentemente, é nesta fase que a criança melhor assimila o tempo, a lei e as imagens, marcando no sujeito a sua memória cronológica iniciada na saída da primeira infância. A consciência passa a ser a ferramenta que, em vigília, procura resguardar o ego e o corpo, ou seja, todo o aparelho psíquico.

Se um sujeito passar por experiências com drogas psicotrópicas (aquelas que agem no sistema nervoso central com a capacidade de mudar a percepção que o indivíduo tem do entorno), como propõe Andrew Smart, sua relação com os objetos externos é prejudicada. As falhas do aparelho perceptivo convocam o sujeito a “não pensar direito”, diríamos. Muito do que seu corpo expressa em linguagem parece descabido no caso do álcool, inconclusivo no caso da maconha ou irreal no caso do LSD. Este alucinógeno, ao ser primeiramente assimilado pelo corpo, promove alterações que se estruturam em outras camadas da mente, sem a ação do filtro regulatório do córtex pré-frontal, apontado por Smart e por outros neurocientistas como a região do cérebro fundamental para organizar nossa percepção do mundo. O córtex pré-frontal é “um diretor da orquestra mental que

3 Complexo de Édipo é o “conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança experimenta relativamente aos pais. Sob a sua chamada forma positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é o personagem do mesmo sexo e desejo sexual da personagem do sexo oposto. Sob a forma negativa, apresenta-se inversamente: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto.

desempenha um papel muito importante no recrutamento e na organização da informação em curso de processamento, sequenciando as informações envolvidas nas atividades cognitivas comuns e na evocação de memórias” (González e Ángel, 2013, p.147, a tradução é nossa). No entanto:

estudos indicam que moléculas psicodélicas causam a diminuição da atividade e da conectividade dos principais receptores do cérebro, habilitando um estado de cognições irrestritas. A conexão entre o córtex pré-frontal e o córtex cingulado posterior é perturbada pelos psicodélicos. Em outras palavras, e talvez contra-intuitivamente, alucinógenos mais ou menos desconectam parcialmente algumas regiões do cérebros de outras e permitem experiências que podem ser geradas livremente pela combinação de regiões alternativas do cérebro (SMART, 2016, pos 2709, a tradução é nossa).

A CONSCIÊNCIA NATURAL

Smart aponta outros neurocientistas reconhecidos, entre eles o brasileiro Miguel Nicolelis e o português António Damásio, citados pelo autor, que garantem que nossos sentidos determinam os conteúdos de nossas experiências de consciência. Damásio, por exemplo, no livro *A Estranha Ordem das Coisas* (2017), coloca como a regulação homeostática das células precede toda a experiência neuronal que pode ser traduzida em sentimentos e em consciência.

Historicamente falando, o nível de percepção baseada em sentir e responder precede as mentes, e também está presente hoje em organismos dotados de mentes. Na maioria das situações normais, nossa mente responde a material que foi sentido e engendra mais respostas, na forma de representações mentais e de ações digeridas mentalmente (DAMÁSIO, 2017, p.89).

Em *Muito Além do Nosso Eu* (2017), Nicolelis apresenta argumentação na mesma linha ao relatar casos de pacientes com os chamados membros fantasma - membros que foram amputados mas que, ainda assim, podem ser sentidos pelos seus portadores.

90% dos pacientes que sofrem amputações - milhões de pessoas espalhadas por todo o mundo - experimentam os sintomas que caracterizam o que a literatura médica chama de “membro fantasma”: a vívida sensação de que uma parte do corpo que não existe mais permanece ativa e ligada a ele (NICOLELIS, 2017, p.98).

Smart simplifica com humor a explicação dele e dos cientistas supracitados: “é como se seu cérebro soubesse que precisa de café antes de sua consciência manifestar este desejo” (2016, pos 578). Em recapitulação com base na Psicanálise e na Neurociência, o corpo sente faltas por ter sido separado de seu objeto original, uma experiência anterior, logo há inconscientemente um repertório do que pode ser traduzido com apoio a estas faltas e, num momento de busca de energia ou aconchego, o café pode ser uma possibilidade que

se imprime em nossa consciência após nossas células já terem feito todo este caminho. Smart diz que “a Inteligência Artificial tenta reproduzir este trajeto no esforço de codificar como o cérebro reage e representa o mundo. Mas a visão e a consciência do mundo são construções do cérebro” (pos 1624). Acrescenta:

Quando um esquizofrênico ouve vozes, estas vozes, para ele, são reais. Neste sentido, alucinações são percepções reais e não erros cometidos pelo cérebro. É que estas alucinações não são particularmente úteis para o alucinador usar em suas negociações com o mundo externo (SMART, 2016, pos 1664, a tradução é nossa).

Smart, como neurocientista, se empenha em comprovar seus pontos pelos estímulos nas regiões do cérebro diante de determinadas situações. Seu esforço, pela provocação do LSD, é mostrar que supermáquinas não podem simular seres humanos, pois nossas manifestações de consciência que resultam em ações e reações ao mundo externo partem de processamentos biopsíquicos, ou seja, uma combinação de necessidades do corpo e estruturação do inconsciente em linguagem. Como uma máquina poderia reproduzir isso é o que questiona.

A CONSCIÊNCIA ARTIFICIAL

Se a inteligência humana, na visão da Psicanálise e do neurocientista Andrew Smart, não pode ser reproduzida ou transferida para a máquina, caminha para se tornar possível, ao menos, como ensaia *Years and Years*, que nossa consciência seja copiada pela inteligência artificial para realizar uma simulação do que seríamos enquanto seres humanos. Donna Haraway alerta em *Manifesto Ciborgue* (1985) sobre consequências pouco refletidas sobre a celebração da inteligência artificial. Para ela, a inteligência artificial é uma espécie de patriarcado codificado que pode ter, como foco, substituir o próprio homem: “o que está em jogo, na conexão ocidental, é o fim do homem” (p.58). Continua: “a ciência e a tecnologia fornecem fontes renovadas de poder, que nós precisamos de fontes renovadas de análise e de ação política” (Latour apud Haraway p.67). A dominação das mulheres é uma crítica da autora, e a cultura high tech faz parte dessas formas de dominação. Em linha do que observa Flusser ao conceituar “automação” e “programa”, Haraway explicita que a relação homem-máquina é um hibridismo perpetuado essencialmente humano, ainda que de forma inconsequente: “a máquina coincide conosco, com nossos processos; ela é um aspecto de nossa corporificação”, (Haraway, 1985, p.97). Se em nosso corpo podemos entender os movimentos pulsionais de dominação, se esta pulsão está associada à atividade e esta atividade plastificou-se de forma patriarcal em instituições produtivas como Estado, escola, Igreja e Mercado, “o principal problema com os ciborgues é, obviamente, que eles são filhos ilegítimos do militarismo e do capitalismo patriarcal, isso para não mencionar o socialismo de estado”, (Ibid, p. 40). O agravante, para a autora, é que os ciborgues são filhos de pais

que podem ser por eles dispensados.

Hoje, estamos num estágio do capitalismo que agrava esta preocupação. Vivemos uma sociedade de concentração de capital tecnológico entre as 5 grandes empresas de tecnologia: “Alphabet-Google, Facebook, Apple, Amazon e Microsoft, cujas sedes estão localizadas fisicamente na costa oeste dos Estados Unidos” (van Dijck; Poell; de Waal, 2018, p.12, a tradução é nossa). O filósofo francês Éric Sadin intitulou sua obra-crítica ao processo de concentração nestas 5 empresas e de seus *modi operandi* como *A Siliconização do Mundo* (2018, a tradução é nossa). Em sua visão, estas empresas, beneficiadas por modelos de desregulamentação pregados por Milton Friedman e os *Chicago Boys*⁴, além de estarem embebidas do modo de pensar da Califórnia, uma terra que precisou reinventar constantemente seu futuro desde a ocupação a partir da marcha americana para o Oeste⁵, expandem sua dinâmica de sobrevivência para o mundo de maneira a perpetuar seu poder econômico e a sua existência.

De todos os movimentos políticos e de classe que culminaram na aquisição de direitos como forma de proteção da vida profissional e pessoal, Sadin coloca que “a extensão dos sensores sobre nossas superfícies corporais, domésticas e profissionais, cruzada com a potência da inteligência artificial, constitui o horizonte industrial principal de nossa época e da terceira década do século XXI” (2018, p.27). Ocupá-lo é concretizar o “tempo eufórico de uma economia digital em plena implantação destinada a monetizar cada circunstância espaço-temporal singular” (Ibid, p.28).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O horror dos pais de Bethany no início da série *Years and Years*, quando a filha declarou que se tornaria transumana, parecia um horror frente a algo que jamais poderiam imaginar aplicado ao corpo físico e simbólico que os progenitores desejaram para sua criança. Bethany crescia e fazia escolhas novas frente às referências do seu tempo. No entanto, de nenhuma forma este horror dos personagens paternos na série era uma expressão declarada das preocupações dos pensadores apresentados neste artigo. Procuramos contribuir para refletir sobre o que constitui aquilo que pode ser chamado de nosso *eu* pelo entendimento do que seria essencialmente humano. E procuramos alertar que podemos estar próximos da colonização deste *eu* a partir da reprodução da nossa cognição em plataformas capazes de simular nossa existência para nos transformar em produtos artificiais de nós mesmos.

Há ainda um amplo debate no campo da Neurociência, da Psicanálise e da própria prática das plataformas digitais sobre os limites e possibilidades da transferência e da expansão da consciência para máquinas por via da interação com os algoritmos da

4 Nome dado a 25 economistas chilenos que, inspirados pela escola liberal de Chicago, formaram a política econômica do governo do General Pinochet.

5 Anexação de territórios pelas colônias americanas rumo ao Pacífico por vias de ocupação e compras de terras durante o século XIX.

inteligência artificial. O que podemos considerar, à luz de Andrew Smart e da Psicanálise, é que, por enquanto, as plataformas podem caminhar para uma cópia daquilo que, em parte, compõe nossa humanidade: a consciência. Aprofundar a capacidade técnica para tornar a máquina capaz de reproduzir nossas subjetividades ou funcionamento homeostático a ponto de gerar sentimento e permiti-la reconhecer-se como um ser autônomo - mesmo sendo uma cópia de nós mesmos - é algo em construção na academia e em corporações interessadas no tema. Na sociedade, os limites éticos deste debate ainda são incipientes. Em linha com o debate ético, é preciso considerar a crítica do conceito de Dantas de mais-valia 2.0 (2014), no qual o homem é agente e produtor de conteúdo não (ou mal) remunerado pelas plataformas que comercializam o resultado das interações entre seus agentes. Nossas cópias algorítmicas, simulando nossa própria atuação em rede e circulando livremente como nossas reproduções, podem trazer algum alento aos que conosco se relacionam e podem de fato expandir possibilidades e potencialidades. Mas, desde já, é preciso estarmos cientes que, enquanto agentes não-humanos reproduzirem nossos padrões sem estabelecermos limites éticos, o produto mais palpável será um inventário de articulações proto-humanas pronto para ser comercializado por empresas detentoras de tecnologia para isso. Criticar a humanidade destas reproduções é o intuito do neurocientista Andrew Smart; combatê-las é o desejo da filósofa Donna Haraway; e regular estas práticas, que certamente seguirão sendo feitas, é a urgência apontada pelos autores José van Dijck, Martijn de Waal e Thomas Poell.

REFERÊNCIAS

BRAINS Make Decisions the Way Alan Turing Cracked Codes. Smithsonian Magazine. 11 de fevereiro de 2015. Disponível em <https://www.smithsonianmag.com/science-nature/brains-make-decisions-way-alan-turing-cracked-codes-180954212/>. Acesso em 18/01/2020

COMERCIAL Amazon Echo no Brasil. **Tudo Celular**. 22 de outubro de 2019. Disponível em <https://www.tudocelular.com/tech/noticias/n148139/amazon-brasil-campanha-de-lancamento-alexa-e-echo.html>. Acesso em 26/11/2019

COMERCIAL Amazon no Reino Unido. **Campaign**. 02 de setembro de 2019. Disponível em <https://www.campaignlive.co.uk/article/amazon-alexa-helps-blind-woman-rnib-approved-ad/1595228>. Acesso em 26/11/2019

DANTAS, Marcos. **Mais-valia 2.0**: produção e apropriação de valor nas redes do capital. Eptic (UFS), v. 16, p. 85, 2014.

FLUSSER, V. **O universo das imagens técnicas**: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.

FLUSSER, V. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

GONZÁLEZ, M. A. A. ORTEGA, M. T., VALIENTE, C. M. **Princípios de Neurociências para psicólogos**. Buenos Aires: Ediciones Paidós, 2013.

HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LAPLANCE, J. E. PONTALIS, J-B. **Vocabulário da Psicanálise**. 9a. ed. brasileira. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1986.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

NASIO, J. D. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.

NICOLELIS, M. **Muito além do nosso eu**: a nova Neurociência que une cérebro e máquinas - e como ela pode mudar nossas vidas. São Paulo: Planeta, 2017.

PASQUALE, F. **A esfera pública automatizada**. Revista Líbero, V.20, N.39, pp.16-35, 2017

SADIN, Eric. **La siliconización del mundo**: la irresistible expansión del liberalismo digital. Buenos Aires: Caja Negra Editora, 2018.

SHADLEN Lab. **Our researches**. Disponível em <https://shadlenlab.columbia.edu>. Acesso em 18/01/2020.

SMART, A. **Beyond Zero and One**: Machines, Psychedelics, and Consciousness. Nova Iorque e Londres: OR Books, 2015.

TURING, A. **Computing machinery and intelligence**. 1 de outubro de 1950. Disponível em <https://academic.oup.com/mind/article/LIX/236/433/986238>. Acesso em 18/01/2020.

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; DE WAAL, M. **The platform society**: Public values in a connective world. Oxford University Press, 2018.

WINNICOTT, D. **Psicoses e Cuidados Maternos**. In: D. Winnicott, *Da Pediatria à Psicanálise - Obras Escolhidas* (p. 455). Rio de Janeiro: Imago, 1952/2000.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afetos 19, 71

Arte 9, 10, 3, 30, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 76, 78

B

Brasil 19, 40, 47, 54, 62, 64, 68, 72, 76

C

Cognição 50, 51, 52, 54, 55, 56, 61

Comunicação 2, 9, 1, 2, 16, 28, 29, 30, 32, 38, 41, 42, 45, 50, 53, 54, 55, 62, 64, 76, 78

Comunicar 9, 29, 46, 48

Comunidade LGBTQ+ 10, 64, 71

Conflitos 54

Conservadorismo Nos Costumes 10, 64, 65, 67, 70, 71, 75

Consumo 17, 18, 19, 26, 27, 42, 43, 45, 78

Contemporaneidade 9

Crítica 9, 42, 43, 50, 60, 61, 62, 64, 65

Cultura 2, 9, 16, 18, 26, 27, 29, 39, 40, 42, 51, 53, 57, 58, 60, 78

D

Desafios 14, 40, 54

Discursos 26, 31, 32, 71, 72

E

Economia da informação 50

Educação 39, 40, 53, 78

Estética 19, 23, 26

G

Gays de Direita 64, 72

I

Identidades 26, 64

Inclusão 17, 19, 20, 21, 24, 26

Instagram 9, 10, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 49

Inteligência Artificial 6, 50, 51, 52, 60, 61, 62

Interatividade 1, 2, 3, 5, 6, 15

L

Linguagem 26, 30, 45, 48, 54, 57, 58, 60

M

Mediação 19, 28

Memória 1, 41, 56, 58, 69

Metaverso 9, 10, 1, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16

Mídia 9, 5, 8, 15, 44, 46, 50, 76, 78

Multiplataformas 10, 1

N

Narrativas publicitárias da diferença 17

Narrativa Transmídia 9, 10, 1, 2, 4, 5, 7, 9, 10, 12

Nova Onda Conservadora 9, 10, 64, 66, 68

Nova Retórica 29

P

Percepção 9, 10, 45, 58, 59, 69

Poética 43

Pós-humanismo 50

Publicidade 9, 10, 17, 18, 19, 20, 23, 24, 25, 26, 27, 52, 54

Publicidade Inclusiva 17

R

Redes Sociais 9, 10, 18, 26, 29, 30, 31, 40, 44, 45, 46, 51, 52, 53, 73

Retórica 9, 10, 18, 23, 27, 29, 30, 31, 37

S

Second Life 1, 7, 8, 9, 10, 13, 15

Sociedade 9, 18, 25, 27, 28, 43, 50, 52, 61, 62, 65, 66, 70, 71, 75, 78

Subjetividades 62

T

Teatro 1, 2, 3, 13

Tradição 47

Transumanismo 9, 10, 50, 55

Twitter 9, 29, 30, 31, 32, 37

V

Verdade 9, 10, 4, 9, 18, 29, 31, 37, 56, 67, 72, 75

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

COMUNICAÇÃO E CULTURA:

processos
contemporâneos

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

COMUNICAÇÃO E CULTURA:

processos
contemporâneos